

## A ESCOLHA ENTRE O BEM E O MAL— UMA ANÁLISE DE *A NAU CATRINETA*

Maria Santa Vieira Montez\*

O Mar e os portugueses têm sempre permanecido ligados— na vivência do dia a dia, bem como na memória colectiva.

Na literatura oral, o Mar é uma constante— nos romances, nos contos populares, surge como símbolo da evasão, da viagem, da descoberta, do percurso iniciático, do desconhecido a dominar e a ultrapassar e da aventura; o Mar pode também simbolizar a morte e a tragédia.

Como é igualmente do mar que nasceu a vida, pensei dedicar ao primeiro número da *E.L.O.* esta análise de um romance que tão entrosado se encontra na memória do nosso povo e que simultaneamente representa um percurso iniciático mítico. Trata-se de *A Nau Catrineta*, romance que tem vindo a ser transmitido oralmente em todo o território português, com algumas variantes regionais e locais. A sua origem poderá remontar a baladas francesas, bretãs e catalãs, sobre o mesmo tema<sup>1</sup>.

A versão aqui analisada é a de Almeida Garrett<sup>2</sup>.

---

\* Rua de S. Salvador da Baía, 7 - 4º Esq. 2780 OEIRAS. Portugal.

<sup>1</sup> Consultem-se: Adolfo Coelho, “Notas e Paralelos Folclóricos —VI: Romance de D. Gato”, *Revista Lusitana*, I (1887-89), p. 325; Teófilo Braga, *Romanceiro Geral*, III, Lisboa, J. A. Rodrigues & C<sup>a</sup>., 1909, pp. 328 - 330; R. Menéndez Pidal, *Romancero Hispánico*, II, Madrid, Espasa-Calpe, 1953, pp. 326-7; António José Saraiva, *A Cultura em Portugal*, I, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981, p. 176

<sup>2</sup> Almeida Garrett, *Romanceiro*, III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875, p. 87.

**A NAU CATRINETA**

Lá vem a Nau Catrineta  
Que tem muito que contar!  
Ouvide, agora, senhores  
Uma história de pasmar.  
Passava mais de ano e dia  
Que iam na volta do mar,  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar.  
Deitaram sola de molho  
Para o outro dia jantar;  
Mas a sola era tão rija,  
Que a não puderam tragar.  
Deitam sortes à ventura  
Qual se havia de matar:  
Logo foi cair a sorte  
No capitão-general.  
— Sobe, sobe, marujinho,  
Àquele mastro real,  
Vê se vês terras de Espanha,  
As praias de Portugal.  
— Não vejo terras de Espanha,  
Nem praias de Portugal,  
Vejo sete espadas nuas  
Que estão para te matar.  
— Acima, acima, gajeiro,  
Acima ao tope real!  
Olha se enxergas Espanha,  
Areias de Portugal...  
— Alvíssaras, capitão,  
Meu capitão-general!  
Já vejo terras de Espanha,  
Areias de Portugal.  
Mais enxergo três meninas  
Debaixo de um laranja!  
Uma sentada a coser  
Outra na roca a fiar,  
A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.  
— Todas três são minhas filhas,  
Oh! quem mas dera abraçar!  
A mais formosa de todas  
Contigo a hei-de casar.  
— A vossa filha não quero,  
Que vos custou a criar.  
— Dar-te-ei tanto dinheiro  
Que não o possas contar.  
— Não quero o vosso dinheiro,  
pois vos custou a ganhar.  
— Dou-te o meu cavalo branco  
Que nunca houve outro igual.  
— Guardai o vosso cavalo,  
Que vos custou a ensinar.  
— Dar-te-ei a nau Catrineta,  
Para nela navegar.  
— Não quero a nau Catrineta,  
Que a não sei governar.  
— Que queres tu, meu gajeiro,  
Que alvíssaras te hei-de dar?  
— Capitão, quero a tua alma  
Para comigo a levar.

— Renego de ti, demónio,  
Que me estavas a atentar!  
A minha alma é só de Deus;  
O corpo dou eu ao mar.  
Tomou-o um anjo nos braços,  
Não no deixou afogar.  
Deu um estouro o demónio,  
Acalmaram vento e mar;  
E à noite a nau *Catrineta*  
Estava em terra a varar.

A descrição da interminável viagem da nau que tenta regressar ao seu ponto de origem após longa viagem tem conotações com a Odisseia e o percurso iniciático do Homem. Sobrepe-se-lhe em determinada altura o tema da luta entre o Bem e o Mal, entre Deus e o demónio.

Esta luta, tão enraizada na mitologia popular, pode representar o conflito permanente do próprio ser humano: o espírito e a alma formam, juntamente com o corpo, uma união onde se alternam o equilíbrio e a tensão: o corpo só poderá salvar-se se a nobreza do espírito e da alma ultrapassarem a matéria. O mal torna-se vitorioso se o ser humano se deixar vencer, nas suas acções, pela tentação do percurso fácil e contrário aos princípios que regem a ética e a moral. A figura do diabo representa desta forma a oposição ao Bem e à Virtude.

O diabo surge repetidas vezes na narrativa popular como figura didáctica; ao mostrar o comportamento a evitar, aponta simultaneamente para a via a seguir, que se lhe opõe. Torna-se mais fácil mostrar o caminho errado, através de exemplos, do que pela pregação de virtudes.

A contaminação do gajeiro pelo diabo tem o objectivo de conferir a este último uma figura humana que se possa integrar com mais à vontade e coerência na narrativa e tornar mais natural esta personagem a bordo da nau.

N' *A Nau Catrineta*, o diabo é irradiado através de um estouro, que se presume o desintegra e expulsa da nau, lançando-o ao mar. Simultaneamente, a natureza acalma-se (“acalmaram vento e mar”) e o navio chega a bom porto— ao porto do destino. A tempestade, cujo início não nos é relatado mas que presumimos possa surgir no desencadear dos acontecimentos, é associada, como acontece bastantes vezes na narrativa popular, com o comportamento dos humanos que contraria a natureza ou dela se afasta.

Na Literatura Oral, este paralelo entre as forças da Natureza desencadeadas ou punitivas e o mau comportamento das pessoas surge com variantes, como flagelos que atormentam o micro sistema de uma comunidade —o desencadear de uma tempestade, uma má colheita, demasiada chuva ou seca, morte misteriosa de animais, epidemia, fenómenos meteorológicos inesperados, misteriosas aparições. Uma vez restaurada a ordem e purificado o microssistema, o mal exorcisado desaparece e instaura-se a calma e a ordem.

Na sabedoria popular, o facto de se nomear e falar do demónio significa igualmente exorcisá-lo, principalmente se ele for castigado e expulso pelo Bem. No final d' *A Nau Catrineta*, restabelece-se a ordem, uma vez expulso o demónio: “À noite, a nau *Catrineta* / Estava em terra a varar.”

A viagem não podia prosseguir enquanto o Homem não fizesse a escolha entre o Bem e o Mal ao longo da viagem, que representa, como se sabe, o percurso da própria vida num trajecto simbólico em meio aquático, que pressupõe a purificação através da água. Uma vez purificado o Homem e repudiado o demónio, o navio —à imagem do ser humano— chega a bom porto, conduzido pelo anjo que é o oposto do demónio. O homem, tomado pelo anjo nos braços,

regressa ao seio materno, ao útero da grande deusa Mãe, a terra. Este anjo d' *A Nau Catrineta* apresenta um paralelo com S. Miguel Arcanjo vencendo o demónio.

A purificação do capitão d' *A Nau Catrineta* surge como um paradigma das purificações cíclicas das sociedades rurais, ainda hoje patentes. Esta purificação pode ser individual ou colectiva. É individual através de ritos religiosos efectuados, como no baptismo, na primeira comunhão, no crisma, de acordo com a tradição cristã católica muito enraizada. É habitual encontrarem-se ainda hoje em dia representações do Purgatório, —as alminhas— onde as almas sofrem o padecimento de um fogo doloroso, enquanto aguardam a sua purificação antes de serem admitidas no Céu. O mesmo surge na oração da *Encomendação das Almas*, rezada ao entardecer pelo povo que preserva ainda esta crença e este temor:

Ó almas que estais em penas,  
Ó almas que em penas estais,  
Lá vos mando um padre-nosso  
Para que das penas saiais.<sup>3</sup>

A purificação torna-se colectiva em determinadas festas cíclicas, quando de mitos religiosos e profanos. O Carnaval, por exemplo, é uma ocasião durante a qual o mundo se inverte, a fim de se poder estabelecer uma catarse colectiva — como, por exemplo, permanecem não só as mascaradas, como as representações teatrais carnavalescas de tradição popular, ainda hoje efectuadas em diversos pontos do nosso país: as cegadas, o “julgamento do galo”, o “julgamento do bacalhau”, que conduzem toda a comunidade a uma catarse colectiva. O mal cometido pela aldeia durante o ano anterior é divulgado, apregoado, de forma a que todos tomem conhecimento e possa dessa forma ser perdoado, instaurando-se de seguida a ordem e a calma.

Outro ritual da purificação colectiva é o que tem tradicionalmente sido celebrado em Nossa Senhora Aparecida, no norte de Portugal, em Agosto; uma longa procissão de caixões nos quais se fazem transportar as pessoas que cumprem tal promessa é feita pela encosta acima, até ao alto onde se encontra a ermida de Nossa Senhora Aparecida, como forma de purificação escolhida deliberadamente pelos cumpridores da promessa. Na cerimónia, participa a própria família, que carrega o caixão com o familiar, num ritual de purificação que abrange toda a comunidade. Ultimamente combatida pelo próprio clero, que tenta dissuadir a população dum costume que classifica de mórbido, exagerado e não religioso — porventura pagão— este ritual foi no ano de 1994 virtualmente proibido, o que gerou conflito na tradicional data da procissão, entre as forças da ordem e o povo.

Outra sublimação do demónio é a que ainda hoje se efectua em diversas localidades transmontanas —em Vinhais, Baçal, Sacoias, Aveleda, França e outras do distrito de Bragança— durante a festa dos rapazes, celebrada por ocasião do dia de Santo Estevão, no início de Janeiro<sup>4</sup>. Nesta data, os rapazes solteiros disfarçam-se de diabos, vestidos de vermelho, percorrendo a aldeia em grande algazarra, batendo em quem passa com bexigas de porco cheias de ar, perseguindo as mulheres e raparigas, e tentando arreliá-las, entrando pelas janelas das casas (visto a porta, como entrada tradicional, lhes estar vedada). Ao mesmo tempo, o "careto", um dos rapazes disfarçado com uma máscara decorada com objectos analógicos que simbolizam a virilidade e a fecundidade, percorre as ruas, tocando sinetas e chocalhos —daí o nome que também lhe é dado de "chocalheiro"— no

<sup>3</sup> Recolhida em Lagarelhos, concelho de Vinhais, Trás-os-Montes, em 1988.

<sup>4</sup> A data difere, podendo ter lugar, consoante a tradição local, entre 26 de Dezembro e 6 de Janeiro.

meio do gáudio da rapaziada e da meninada. Cantam as “loas”, também denominadas “comédias” ou “colóquios”, no largo da aldeia e assistem á missa expressamente mandada celebrar. No final da festa, restabelece-se de novo a ordem e a harmonia entre os dois sexos que compõem a sociedade.

São inúmeros os exemplos de esconjuração do demónio na Tradição popular

Regressando a *A Nau Catrineta*, aqui também o Bem triunfa e vence o Mal —ganha o anjo e “rebenta” o demónio.

Este romance permanece vivo na memória do povo —existem diversas versões contadas ainda hoje por todo o nosso país com variantes individuais; a razão de ser da sua sobrevivência pode residir no próprio conteúdo profundo, que ultrapassa os tempos e as épocas: a luta entre o Bem e o Mal, que pertence ao universo colectivo da própria Humanidade.